

## Sobre homens e cães, por Milton R. Medran Moreira\*

Bem que George W. Bush podia deixar a presidência dos Estados Unidos sem essa. Nem estou falando da tentativa de ser atingido por uma sapatada, que desta ele se esquivou com habilidade. O pior mesmo é haver o jornalista de Bagdá o chamado de cachorro. Entre os muçulmanos, essa é uma das piores ofensas que se pode dirigir a alguém.

Logo Bush, que fez de seu cão Barney uma atração da Casa Branca, com direito a site na internet e tudo. Cães na Casa Branca são uma tradição que vem de longe. Harry Truman, que governou os Estados Unidos de 1945 a 1952, quando preparava sua transferência para a sede do governo, pronunciou uma frase que não soou nada bem junto aos moradores da cidade que iria acolhê-lo: “Se você quer um amigo em Washington, tenha um cachorro”.

Muitos outros presidentes americanos seguiram seu conselho. O terrier escocês do governante que se prepara para deixar a Casa Branca foi dos amigos mais fiéis de Bush, a se julgar pelas vezes em que apareceu frente às câmeras com ele e pelas freqüentes exibições de conversas que tinha ao pé de suas longas orelhas o presidente. Cães não pedem muito de seus donos para lhes retribuírem com amizade e fidelidade. Já seres humanos, estes se mostram bem mais criteriosos para dedicar afeição e reconhecimento a alguém. Principalmente àqueles a quem outorgaram o poder. Exigem deles mais que as qualidades que se quer de um cão. Reclamam-lhes aquelas virtudes que o consenso acabou definindo como atributos essenciais do homem: respeito a seu semelhante, justiça para com todos, reconhecimento da dignidade humana, independentemente de raça, credo ou cultura. Coisas que distinguem - por mais que amemos a estes - os cães das pessoas.

Mas, neste momento, Barney já está saindo de foco. E Bush também. Sua desastrada política, no trato com o gênero humano, deixa dele uma das piores imagens dentre todas as figuras que ocuparam o governo da grande nação do Norte. Por tudo isso, Barney sai da Casa Branca muito mais prestigiado que Bush. Talvez um pouco entristecido, se é que ouviu ter a referência a seu gênero sido utilizada como ofensa ao dono que tanto o prestigiou.

Neste momento, ainda não se conhece a identidade, nem mesmo a raça, do futuro primeiro-cachorro. Barack Obama, que prometeu um cãozinho às suas filhas para amenizar-lhes os inconvenientes que a liturgia do poder impõe aos familiares do principal ocupante da Casa Branca, talvez opte, como disse, por um vira-lata. Será, então, um cãozinho de origem tão humilde e de desimportante raça, como até aqui foram consideradas por seus concidadãos as condições de origem do novo presidente.

O que o mundo deseja, com certeza, é que, findo o período de ocupação de um e de outro na Casa Branca, ninguém os possa confundir. E que se alguém o fizer, o gesto cause justificada indignação. Diferente do recente episódio de Bagdá, que, como se vê, está suscitando aplausos pelo mundo todo.

Bem, o mínimo com que se pode sonhar agora é que seja preservado no âmbito do poder internacional aquilo que de mais sagrado temos: a humanidade.

**Procurador de Justiça Aposentado**